Dia 26 — São Policarpo, Bispo de Esmirna e Mártir

São Policarpo, discípulo de São João Evangelista, bispo de Esmirna e mártir, nasceu por volta do ano 70 de Cristo, no tempo do imperador Vespasiano, e foi convertido à religião cristã na infância, quando já imperava Tito. Fez-se não só querer, mas estimar até pelos próprios apóstolos, pela inocência de seus costumes, pelo fervor de sua piedade e pelo ardente zelo que mostrava em tudo o que pertencia à religião. Teve a fortuna de conhecer e conversar com muitos que haviam tratado o Salvador quando vivia no mundo; seus mestres foram os apóstolos, e São João Evangelista tomou especialmente a seu cargo o cuidado de instruí-lo. Em tal escola, e com as nobres disposições que havia recebido do céu, quantos progressos não faria!

« Policarpo (diz Santo Irineu no livro contra as heresias) não somente foi ensinado pelos apóstolos e conversou com muitos que haviam conhecido em vida a Jesus Cristo, mas os próprios apóstolos, na Ásia, o elegeram bispo de Esmirna. Eu o alcancei em minha juventude, porque viveu muito tempo e era já muito velho quando saiu desta vida por meio de um gloriosíssimo e ilustre martírio. Ensinou sempre aquela mesma doutrina que havia aprendido dos apóstolos: a que ensina a Igreja e que é a única doutrina verdadeira. Todas as igrejas da Ásia, e todos os que até agora foram sucessores de Policarpo na cadeira episcopal, dão testemunho de que foi inviolável pregador da verdade, mais digno de fé que Valentim, Marcião e os demais desencaminhados que se deixaram levar da mentira e do erro. No tempo de Aniceto veio a Roma, converteu à fé e reconciliou com a Igreja de Deus a muitos seguidores dos hereges, publicando que a doutrina que ele havia aprendido dos apóstolos era unicamente a que a Igreja ensinava. » Até aqui são palavras de Santo Irineu.

Como era São João quem tinha a seu cargo todas as igrejas da Ásia, foi ele quem lhe encomendou a igreja de Esmirna, consagrando-o bispo dela pela imposição das mãos, pouco tempo antes de sair para o desterro da ilha de Patmos. Tem-se por certo que os elogios que o santo Evangelista dá em seu Apocalipse ao anjo, isto é, ao bispo de Esmirna, dirigiam-se a São Policarpo, o único dos sete bispos que foi declarado irrepreensível pela boca do próprio Cristo, com estas palavras: Eu sei que padeces e que és muito pobre; contudo és muito rico, porque és objeto da murmuração daqueles que se dizem judeus e não o são, porque compõem a sinagoga de Satanás. Não temas pelo que te resta a padecer; eis que o demônio vai meter na cadeia a muitos de vós, para que todos sejais provados, e vossa tribulação será de dez dias. Sê fiel até a morte, que eu te darei a coroa devida.

Com efeito, Policarpo teve grande necessidade de muito valor e muita paciência para sofrer as perseguições que se levantaram contra ele, não só da parte dos pagãos, mas também dos hereges e dos falsos irmãos, que por longo tempo puseram à prova sua virtude e sua paciência.

Tendo morrido seu amado mestre São João, ficou Policarpo privado de um grande socorro e de um dulcíssimo consolo; mas conservou sempre suas máximas e seu espírito, tanto que parecia falar João pela boca de Policarpo.

Foi condenado à morte seu grande amigo Santo Inácio, bispo de Antioquia, pelo imperador Trajano, que se achava então na Síria; e deu-se ordem de que fosse conduzido a Roma, onde havia de ser lançado às feras, pela fé de Jesus Cristo, no anfiteatro público. Teve Santo Inácio grande consolo de passar por Esmirna e dar um abraço, antes de morrer, em seu amigo Policarpo. Encheu-se de gozo quando viu a igreja de Esmirna tão fervorosa e tão florida, e deu mil graças a Deus por lhe haver concedido um pastor tão santo, tão vigilante e tão prudente. Ambos haviam sido discípulos do sagrado Evangelista e desde então haviam contraído uma estreitíssima amizade. Antes de chegar a Roma, Santo Inácio escreveu a São Policarpo, a quem não só tinha por amigo, mas de certo modo tratava como filho, por ser muito mais velho que ele. Com essa liberdade, dá-lhe na carta conselhos semelhantes aos que São Paulo dava a seu discípulo Timóteo. « Cumpre (diz-lhe) as obrigações de teu cargo, dedicando a ele toda a aplicação de teu corpo e de teu espírito. Suporta os demais, como o Senhor te suporta a ti. Se todos te derem que padecer, padece de todos com caridade, como o fazes. Pede a Deus a sabedoria ainda em maior abundância do que a tens. Vigia, pois possuis um espírito que não dorme. Fala a cada um em particular, segundo o que o Senhor te der a entender. Leva com paciência as fraquezas dos outros, como perfeito atleta. Quando o trabalho é maior, também é maior o proveito. Amar os bons não tem mérito nem graça. Aplica-te a ganhar os mais perversos pela doçura. Nem todas as chagas se curam com o mesmo remédio. As inflamações se supuram banhando-as e umedecendo-as. Não te deixes aturdir pelos que parecem dignos de fé e ensinam erros. Mantém-te firme, como se mantém a bigorna por mais que a golpeiem. É próprio de um grande atleta ser despedaçado e vencer. »

Estando em Filipos da Macedônia, Santo Inácio escreveu outra segunda carta a São Policarpo, na qual lhe fala com a liberdade de ancião, com a autoridade de bispo, com a cordialidade de amigo e com o fervor de mártir que já estava quase tocando com a mão a coroa no fim de sua gloriosa carreira.

Santo Irineu, seu antigo amigo e ilustre discípulo, diz que foi testemunha ocular da santidade de toda a sua vida, da gravidade de todas as suas ações, da majestade de seu semblante e de seu porte, de sua imensa caridade e da maravilhosa estima que ganhou no conceito de todos.

Tendo sido discípulo de São João Evangelista, não é de estranhar que se lhe tivesse pegado um ardentíssimo amor a Jesus Cristo e uma devoção muito terna à santíssima Virgem Maria. Fez-se a prudente e especial observação de que todas as igrejas que tiveram a ventura de ter por bispos os santos apóstolos ou seus discípulos conservaram sempre uma devoção muito particular à Mãe de Deus e Rainha dos anjos.

Já nos oitenta anos de sua idade, foi São Policarpo a Roma para consultar o papa Aniceto sobre alguns pontos de disciplina eclesiástica: especialmente o que então era muito controvertido acerca do dia em que os cristãos haviam de celebrar a Páscoa. Foi utilíssima a estada que nosso santo fez em Roma para alguns fiéis que estavam um tanto tocados do veneno das novas heresias. Ficou confundido o erro com a presença e a doutrina de um discípulo tão ilustre de São João Evangelista.

Encontrando um dia na rua o heresiarca Marcião, perguntou este ao santo se o conhecia, e Policarpo respondeu-lhe: Sim, já te conheço, e sei que és o filho primogênito de Satanás.

De volta à Ásia, nosso bispo não gozou por muito tempo da paz em que havia deixado sua igreja ao partir para Roma. O imperador Marco Aurélio, que havia sucedido a Antonino, tendo os cristãos por inimigos de seus deuses, fez questão de honra e de religião exterminá-los do mundo. Isto deu lugar à sexta perseguição, que foi uma das mais cruéis; e a igreja de Esmirna foi um dos primeiros teatros dela. O procônsul Quadrato deu início à perseguição, mandando lançar às feras doze cristãos trazidos de Filadélfia. Era como capitão dessa tropa São Germânico, cuja constância irritou tanto os gentios contra os cristãos que o povo começou a clamar por sua morte, pedindo antes de tudo a de Policarpo, cuja presença tornava invencíveis os fiéis, inspirando-lhes o desprezo da morte e de todos os tormentos.

Quis o santo manter-se na cidade sem fazer caso desses clamores e continuar sem novidade suas visitas pastorais; mas viu-se obrigado a ceder às ardentes instâncias dos cristãos, que o forçaram a retirar-se e esconder-se numa casa de campo, onde não esteve muitos dias; e os poucos que esteve passou-os em contínua oração, dia e noite.

Três dias antes que o prendessem teve uma visão em sonhos, parecendo-lhe que ardia o travesseiro sobre o qual reclinava a cabeça. Quando despertou, reuniu os fiéis e disse-lhes: Tende por certo que dentro de poucos dias hei de ser queimado vivo: demos sempre graças a nosso dulcíssimo Jesus, que me quer fazer merecedor da coroa do martírio. No dia seguinte a casa foi cercada de soldados e de guardas. Achava-se o santo em oração no sótão da casa; e, ouvindo o ruído, ofereceu-se por vítima ao Senhor, suplicando-lhe que se dignasse aceitar o sacrifício de sua vida; e, cheio de extraordinária alegria, desceu aonde estavam os soldados e saudou cortesmente o oficial que os comandava; declarou-lhe quem era; rogou-lhe que entrasse com sua gente para descansar um pouco; mandou que lhes preparassem de comer, e ele retirou-se para continuar sua oração.

Ficaram atônitos o oficial e os soldados ao ver tanta serenidade, tanta doçura e tanta mansidão, enchendo-os também de veneração e respeito a majestosa presença daquele venerável ancião; mas, afinal, estavam sob ordens e não podiam deixar de cumprir sua comissão, embora já com geral pesar de todos. Ao amanhecer fizeram o santo montar num humilde jumento para ir a Esmirna. Pouco antes de entrar na cidade encontrou o magistrado e seu pai Nicetas, que iam passeando; obrigaram-no a subir em seu carro e começaram a persuadi-lo, com as razões mais vivas e mais brandas que puderam, a que se rendesse ao imperador e sacrificasse aos deuses. Indignado o santo bispo de que tivessem a ousadia de lhe falar naquela matéria, respondeu-lhes com tanta resolução e tanto brio que o lançaram violentamente do carro, ficando não pouco maltratado do golpe que recebeu na queda.

Ao entrar no anfiteatro ouviu uma voz do céu que lhe dizia: Coragem, Policarpo, e permanece firme. Foi logo apresentado diante do tribunal do procônsul, que o exortou muito a que obedecesse e considerasse que nem seus anos nem sua grande debilidade poderiam tolerar o rigor dos tormentos a que irremissivelmente o condenaria se no mesmo instante não maldissesse a Jesus Cristo. Então o santo velho, como recolhendo todos os espíritos de seu zelo e adquirindo um vigor

e um tom de voz muito superior à sua avançada idade, respondeu-lhe desta maneira: Há oitenta e seis anos que sirvo a meu Senhor Jesus Cristo; nunca me fez nenhum mal e sempre me fez muito bem, recebendo cada dia de sua mão novos favores; pois como queres que maldiga aquele que me deu a vida, que é meu Criador, meu Salvador e meu Pai, árbitro de minha sorte eterna, que há de julgar todos os homens e, finalmente, meu Deus, a quem devo todo o meu amor, todo o meu reconhecimento e todo o meu respeito?

Irritado o procônsul com uma resposta que não esperava, ameaçou lançá-lo às feras. Confiado em meu Senhor Jesus Cristo, respondeu o santo, não temo nem as feras, nem o fogo, nem o aço. Quando o povo ouviu estas palavras, começou a gritar enfurecido: Já que diz que não teme o fogo, seja queimado vivo. Dito e feito: acenderam logo tumultuosamente uma fogueira e lançaram nela Policarpo, que, com semblante alegre e os olhos postos no céu, estava-se oferecendo a Deus em holocausto; mas as chamas, respeitando-o, o rodearam suavemente e, elevando-se sobre sua cabeça à maneira de pavilhão, o cobriam sem lhe fazer dano. Mais irritados os pagãos com esse prodígio, atravessaram-lhe uma espada pelo corpo, e o sangue que o santo mártir derramou apagou o fogo. Desta maneira acabou sua gloriosa carreira Policarpo; e desde então toda a Igreja celebrou seu ilustre martírio. Venera-o a França e sempre o venerou como um de seus apóstolos, por ter-lhe ficado devedora, em Santo Irineu, bispo de Lyon, em São Benigno, bispo de Langres, em Santo Andoche, em São Tirso e em Santo Andéolo, que todos foram discípulos de nosso santo. Aconteceu seu glorioso martírio perto do ano 160 de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Martirológio Romano

Em Esmirna, a festa de São Policarpo, discípulo do apóstolo São João, o qual, tendo sido consagrado bispo daquela cidade pelo mesmo apóstolo, veio a ser primaz de toda a Ásia. Depois, no império de Marco Antonino e de Cômodo, estando o procônsul em seu tribunal, gritando contra o santo todo o povo no anfiteatro, foi lançado ao fogo; e, como saísse dele sem lesão alguma, atravessaram-no com uma espada e alcançou assim a coroa do martírio. Com ele foram martirizados outros doze cristãos que haviam vindo de Filadélfia.

Em Hipona, na África, os santos Teógenes, bispo, e outros trinta e seis cristãos que, na perseguição de Valeriano, desprezando uma morte temporal, obtiveram a coroa da vida eterna.

Em Belém de Judá, o trânsito feliz de Santa Paula, viúva, mãe da virgem Santa Eustóquia, senhora virtuosa que, sendo da mais nobre linhagem dos senadores, renunciou ao século, distribuiu todos os seus bens aos pobres e retirou-se para junto do presépio do Senhor, onde, depois de ter adquirido e praticado muitas eminentes virtudes, coroada com a glória devida a um prolongado martírio, passou ao reino dos céus. São Jerônimo escreveu sua vida, que não foi mais que um maravilhoso tecido de toda sorte de boas obras.

Na diocese de Paris, Santa Batilde, rainha, tão ilustre pela santidade de sua vida como pela glória de seus milagres.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Polycarpi martyris tui, atque pontificis annua solemnitate lætificas: concede propitius; ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum…*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Policarpo, concedei-nos, propício, que, honrando seu nascimento para o céu, nos alegremos também com sua proteção na terra. Por Nosso Senhor Jesus Cristo…

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da primeira carta do apóstolo São João.

1 João 3,10-16

> **Latim:** 10 In hoc manifesti sunt filii Dei, et filii diaboli. Omnis qui non est justus, non est ex Deo, et qui non diligit fratrem suum : 11 quoniam hæc est annuntiatio, quam audistis ab initio, ut diligatis alterutrum. 12 Non sicut Cain, qui ex maligno erat, et occidit fratrem suum. Et propter quid occidit eum ? Quoniam opera ejus maligna erant : fratris autem ejus, justa. 13 Nolite mirari, fratres, si odit vos mundus. 14 Nos scimus quoniam translati sumus de morte ad vitam, quoniam diligimus fratres. Qui non diligit, manet in morte : 15 omnis qui odit fratrem suum, homicida est. Et scitis quoniam omnis homicida non habet vitam æternam in semetipso manentem. 16 In hoc cognovimus caritatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit : et nos debemus pro fratribus animas ponere.

Português: 10 Nisto se conhece quaes são os filhos de Deos, e os filhos do diabo. Todo o que não he justo, não he filho de Deos, e o que não ama a seu irmão: 11 porque esta he a doutrina, que tendes ouvido des do principio, que vos ameis huns aos outros. 12 Não assim como Cain, que era filho do maligno, e que matou a seu irmão. E porque o matou elle? Porque as suas obras erão más : e as de seu irmão justas. 13 Não vos admireis, irmãos, de que o mundo vos tenha odio. 14 Nós sabemos, que nós fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos a nossos irmãos. Aquelle que não ama, permanece na morte : 15 todo o que tem odio a seu irmão, he hum homicida.

E vós sabeis, que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo. [16] Nisto temos nós conhecido o amor de Deos, em que elle deo a sua vida por nós: e nós devemos tambem dar a nossa vida pelos nossos irmãos.

Nota

« Estando São João Evangelista em Éfeso, e tendo mais de noventa anos, escreveu quase ao mesmo tempo seu evangelho e as três epístolas canônicas.

O fim era refutar os hereges que negavam a divindade de Jesus Cristo, entre outros Ebião e Cerinto. A primeira carta é geral e antigamente se intitulava “aos Partos”, porque se dirigia aos habitantes dessa província, quer São João tivesse pregado nela o Evangelho, como alguns querem, quer tivesse escrito somente aos judeus espalhados na dita província, como São Pedro escreveu aos do Ponto e da Galácia. »

Reflexões

Quem não é justo não é filho de Deus. Justo é aquele que vive pela fé e em quem a fé vive pelas obras. Não basta crer para ser justo; é preciso viver conforme o que se crê. Estes são os que, com toda a confiança e a plena boca, podem chamar Deus de Pai. Que dignidade mais nobre, nem mais respeitável, nem de maior consolo que a de ser filho de Deus! Mas olha-se como tal e faz-se grande apreço dela quando se a desacredita com as obras? Quem considerar estas com reflexão poderá inferir delas que Deus é nosso pai? Poder-se-á assegurar, em virtude delas, que somos filhos de Deus?

Para nos acreditarmos como tais é preciso amar nossos irmãos. E reina entre nós a amizade pura e sincera? Cada qual ama seus interesses, ama seus gostos, ama a si mesmo. Mas onde está aquele coração terno e compassivo das misérias alheias, aquele coração benéfico para com os ingratos, aquele coração generoso que só esquece as injúrias? E, contudo, este é o coração próprio dos verdadeiros filhos de Deus. E é este o nosso coração?

As duas bases sobre as quais se funda todo o edifício da vida cristã são o amor de Deus e o do próximo. Quem não ama seu irmão deve considerar-se em estado de morte. Pelo ódio que Caim teve ao seu, foi, digamo-lo assim, o patriarca dos réprobos. A inveja degenera logo em ódio; este é o caráter dos corações vis, das almas baixas: nunca olhar com bons olhos a virtude e a prosperidade dos outros. Um gênio maligno e um coração envenenado tudo empeçonham.

Sabemos que, amando nossos irmãos, passamos da morte à vida. Parece que São João reduz ao amor do próximo toda a obrigação do cristão; ao menos quer que a caridade seja como o caráter e o distintivo dos fiéis; pois que devem esperar aqueles em quem uma emulação maligna extinguiu

esta caridade; aqueles que têm para com seus irmãos um coração frio, um coração seco; aqueles que não têm valor para perdoar uma injúria? Em vão se aturdem ou se atordoam a si mesmos, parecendo-lhes que estão indiferentes. Seja assim; mas a indiferença não é amor, e quem não ama seu irmão tenha-se por morto: quem o aborrece reputem-se por homicida. O sinal pelo qual conhecemos a caridade com que Deus nos amou é que deu sua vida por nós; se temos caridade, devemos também expor a nossa por nossos irmãos. Assim discorre São João sobre a caridade, e por esta regra devemos examinar até onde alcança a nossa.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,26-33

> **Latim:** 26 Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. 27 Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. 28 Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam. 29 Nonne duo passeres asse veneunt ? et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro. 30 Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. 31 Nolite ergo timere : multis passeribus meliores estis vos. 32 Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est. 33 Qui autem negaverit me coram hominibus, negabo et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.

Português: 26 Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. 27 O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. 28 E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo. 29 Por ventura não se vendem doux passarinhos por hum’asse: e hum d’elles não calhirá sobre a terra sem vosso pai. 30 E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. 31 Não temais pois : que mais valeis vós que muitos pássaros. 32 Todo aquelle pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceos: 33 e o que me negar diante dos homens, tambem eu o negarei diante de meu Pai, que está nos ceos.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que há inferno, isto é, um lugar em que todo o poder de Deus reúne todos os tormentos para castigar, para fazer padecer os que morrem em sua desgraça, e para fazê-los padecer eternamente.

A ira de um Deus irritado acende um fogo de um ardor, de uma vivacidade incompreensível, que não só abrasa os corpos, mas, por assim dizer, derrete os espíritos. Um condenado está afundado, sepultado, submerso naquele fogo, imóvel naquele fogo, penetrado por aquele fogo; não respira nem pode respirar mais que o fogo que o abrasa. A cada instante experimenta nova dor, novo tormento e, por um prodígio espantoso de rigor, que é efeito de todo o poder divino, um condenado sofre todos os tormentos juntos em cada um dos instantes.

Mas, por espantosas, por incompreensíveis que sejam todas estas penas, pode-se dizer que são muito pouca coisa em comparação com aqueles cruéis remorsos, com aquele eterno desespero que causa a um condenado a memória do tempo passado e de quão mal o aproveitou, e de tantas graças, de tantos auxílios que nele recebeu.

O falso brilho das honras de que se deixou deslumbrar, o vazio dos bens temporais que lhe ocuparam a alma, a enganosa aparência dos deleites que o encantaram, a vaidade dos objetos que o afastaram de Deus, a frivolidade dos que se chamam respeitos humanos, de que se deixou arrastar, o nada de todas as grandezas humanas são outras tantas fúrias que despedaçam, que martirizam o coração de um infeliz condenado.

Como! Por gozar um momento daqueles amarguíssimos deleites, por satisfazer meu orgulho, por contentar minha vaidade, por dar gosto à minha paixão, precipitei-me nestes fornos eternos? Fantasmas de grandeza, fortuna quimérica, vaníssimas ideias de felicidade, mil vezes vos detestei e nunca deixei de seguir-vos; apascentei-me de vossas loucas esperanças, e eis-me aqui condenado para sempre. Pude salvar-me; e quanto me solicitou Deus para isso! Nunca me faltou a graça; mas não quis corresponder a ela. Pensei muitas vezes no inferno; cria tudo o que agora vejo; tudo o que agora experimento estremecia-me de indignação e de horror quando considerava os muitos que se condenavam; e, com tudo isso, eu sou um desses condenados!

A estes mortais remorsos, a estas penas inimagináveis, acrescenta a consideração de um Deus soberanamente irritado, de um Salvador convertido em inimigo irreconciliável, de um Deus perdido sem remédio, e perdido por um pecado. Seria preciso poder compreender o que é Deus para poder conceber o que é perdê-lo, e perdê-lo sem esperança de jamais voltar a encontrá-lo. Esta só perda é maior suplício que todos os suplícios. Considera, se é possível, que tormento é ter perdido a Deus, e tê-lo perdido para sempre.

Ah, Senhor! Perca eu tudo desde este mesmo instante, bens, dignidades, saúde, honra e a própria vida, antes que perder-vos a vós. Mil vezes mereci o inferno; mas valha-me vossa misericórdia

infinita; nela coloco toda a minha esperança: não permitais que me condene, dulcíssimo Jesus meu.

Segundo ponto

Considera que as penas do inferno não somente são universais, excessivas, incompreensíveis, mas são também penas eternas; isto é, por mais espantosas, por mais intoleráveis que sejam as penas que ali se padecem, não há esperança nem de receber jamais o menor alívio nem de que acabem algum dia.

Que dor, que desesperação, que raiva para uma alma condenada quando, do fundo daquele abismo da eternidade, depois de ter estado abrasando-se milhões e milhões de anos, volte os olhos para esta pequeníssima porção, para esta imperceptível parte de tempo que viveu, e apenas a divise ao cabo daquele prodigioso número de séculos que terão passado depois de sua morte! Conhecerá claramente que, por não ter querido fazer-se um pouco de violência durante um quase imperceptível espaço de tempo, arde, abrasa-se, sofre de uma vez todos os tormentos; e, depois de tantos milhões de séculos como os está padecendo, nem por isso pode dizer que lhe resta um instante menos a padecer.

Arder nos infernos tantos anos, tantos séculos quantos instantes se viveram, é uma duração que causa espanto. Que será arder tantos milhões de séculos quantas gotas há nos rios e no mar? Pois um condenado terá padecido naquelas prisões de fogo toda esta incompreensível extensão de tempo, e não terá passado nem meio quarto de hora, nem um instante da eternidade. Os filhos de teus filhos estarão enterrados, o tempo terá arruinado as casas que construíste, terá destruído a cidade em que nasceste, terá transtornado os estados em que te criaste; o fim dos séculos terá sepultado em suas próprias cinzas todo o universo; terão passado também, depois do fim do mundo, tantos milhões de séculos quanto durou por momentos o mesmo mundo, e nem um só instante terá passado daquela espantosa eternidade. Se te condenaste, restará tanto a sofrer como no primeiro momento em que caíste naquelas abrasadoras chamas.

Ó eternidade espantosa! Ó incompreensível eternidade! Quem pode crer em ti e viver em pecado nem um instante? Quem pode crer em ti e adiar nem um momento sua conversão?

Suponhamos que um pecador está condenado a arder no inferno até que uma formiga transporte para o mar toda a areia que há na margem, vindo uma só vez de mil em mil anos e conduzindo cada vez um só grão: santo Deus! Desde que Caim está no inferno não teria levado mais que seis ou sete grãos este animalzinho. E que seria se aquele infeliz houvesse de padecer até que esta formiga transportasse não só toda a areia do mar, mas toda a terra do mundo; até que tivesse desgastado todos os penedos, todas as rochas, todas as montanhas da terra, não passando mais que uma vez a cada mil anos? O juízo se perde, a imaginação se confunde neste abismo de tempo. Pois, ao cabo, chegará tempo em que, se te tivesses condenado, poderás dizer com verdade: Depois de minha morte, desde que estou rabiando no meio deste fogo, aquela formiga já teria transportado toda a areia e toda a terra do universo; já teria desgastado todas as montanhas, todas as rochas; já teria cavado e penetrado até o centro do próprio mundo; toda esta prodigiosa duração de tempo passou-se nestes terríveis tormentos, e ainda me resta sofrer uma eternidade

inteira. Há inferno; há uma desditosa eternidade neste inferno; há cristãos que o creem; e há cristãos que pecam! Eis aqui uma coisa tão incompreensível como a própria eternidade.

E então, Senhor? Não me tereis dado tempo para pensar nas penas eternas do inferno senão para aumentar, por pura malícia minha, a raivosa dor que terei de me haver condenado depois de ter pensado nessas eternas penas? Que dor, que desespero não será algum dia para mim, se, depois de ter feito esta meditação, não mudo de vida; se não me aplico a trabalhar, com o auxílio de vossa divina graça, no negócio de minha salvação! Dirigi, Pai eterno, dirigi a este miserável pecador um raio piedoso de vossos benignos olhos: olhai que ainda estou tinto com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo; e em virtude deste sangue vos peço misericórdia; peço-vos que me façais a graça de amar-vos por todo o tempo de minha vida e durante toda a eternidade.

Jaculatórias

> *Quis poterit habitare cum igne devorante? quis habitabit cum ardoribus sempiternis?* Is 33.

Ah, Senhor! Quem poderá habitar no meio do fogo devorador? Quem poderá viver entre as chamas eternas?

> *Hic ure, hic seca, hic non parcas, ut in æternum parcas.* Santo Agostinho.

Senhor, aqui abrasa, aqui corta, aqui não perdoes, contanto que na eternidade me perdoes.

Propósitos

1. Desce, diz São Bernardo, desce muitas vezes com a consideração ao inferno em vida, para não descer a ele depois de morto. Quando se teme um grande mal, pensa-se nele frequentemente; esse pensamento serve para aplicar os meios e tomar as medidas para precaver-se. Não percas de vista o inferno, diz o Sábio, se não queres ir por seu caminho. É exercício muito proveitoso valer-se de todos os trabalhos desta vida, de tudo o que nela nos aflige ou nos molesta, para trazer à memória as penas do inferno; e até se pode dizer que a memória dessas penas adoça e suaviza aqueles trabalhos. Se te apertam dores vivas, agudas, penetrantes, lembra-te das que padecem os condenados no inferno. Vivemos em casas, habitamos em lugares, temos empregos que tiveram muitos dos que agora estão ardendo naquelas chamas eternas. Não nos acharemos em reuniões, em banquetes, em diversões onde haja muita gente, sem que possamos dizer com muita probabilidade que alguns dos que ali se acham serão algum dia do número dos condenados; que

muitos dos que ali se divertem arderão algum dia no inferno. Não há desgosto, não há prazer nesta vida que não seja muito oportuno para trazer-nos à memória os tormentos da outra; tampouco há remédio mais eficaz para temperar, para tirar de todo a vontade desses prazeres, como aquela memória. Se se rebela a concupiscência, se se sentem os estímulos da carne, se se amotinam as paixões, imagina que ouves a voz daquele rico infeliz que grita do abismo: *Crucior in hac flamma*: Sou cruelmente atormentado no meio deste fogo. Leva contigo na imaginação esta imagem e no ouvido esta voz em todos os teus prazeres, em todas as tuas diversões, e com toda a certeza logo lhes perderás o gosto, e elas perderão para ti todo o seu atrativo. Achando-se um dia extraordinariamente tentado um santo ermitão, aplicou a ponta do dedo à chama da candeia e, como a vivíssima dor que sentiu o obrigasse a retirá-lo prontamente: Quê, disse ao tentador, tu me incitas, tu me solicitas a que me entregue a um deleite ilícito pelo qual hei de ser condenado ao fogo eterno, quando não tenho coragem nem para tocar com a ponta do dedo neste fogo comum! Oh, se muitos se servissem de semelhantes indústrias em muitas ocasiões, quanto seriam menos frequentes as quedas!

2. Não há outra perda que seja irreparável senão a perda da alma. Ruína de negócios, reveses de fortuna, perda de demandas, naufrágios, desgraças, por sensíveis, por grandes que pareçam, falando propriamente, tudo tem remédio; mas, se uma vez me condeno, quem me poderá consolar? Que alívio me resta? Que esperança, que recurso me fica? Tudo se perdeu se perco a Deus. Oh, que pensamento tão oportuno para nutrir a devoção, ao mesmo tempo que se fomenta o horror que deves ter ao pecado! Em tuas perdas, em tuas desgraças, naqueles importunos temores, naqueles molestos sobressaltos que são inseparáveis da vida, diz, diz sem cessar a ti mesmo: Não há outro mal senão o pecado; não há outra perda digna de temer-se senão a perda de Deus. Da perda dos bens, da saúde, dos empregos poderão consolar-me os amigos, o tempo, e até a própria morte pode servir-me de consolo; mas perder a Deus, perdê-lo para sempre, oh, que irreparável perda! Assim nas prosperidades como nas adversidades da vida, torna-te familiar com estas palavras: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur?* De que serve ao homem ser dono de todo o mundo, ser o mais poderoso monarca da terra, se ao fim se condena e se perde? De que serve agora àquele senhor, àquele grande, àquele rico que se condenou, ter vivido com tanta magnificência, com tanta abundância, com tantos gostos e regalos? De que serve àquela mulher profana, àquela dama cheia de presunção e de vaidade, ter brilhado, ter se sobressaído tanto nas festas do mundo, se agora arde e arderá por uma eternidade nas chamas do inferno? De que servem aqueles pomposos títulos, aqueles soberbos palácios, aquele aparato, aquele séquito de modas, de vestidos e de galas; de que serve tudo isso a quem se condenou? Será grande consolo para aquele pai, para aquela mãe que estão no inferno ter deixado tantos filhos que vivem com grandes comodidades no mundo, enquanto eles se abrasam naquelas chamas? Torna-te familiares estas reflexões, porque há poucos exercícios que sejam mais saudáveis. Tem sempre em tua sala ou em teu quarto algum objeto que te lembre sem cessar a memória da morte ou do inferno.

Santa Paula, Viúva

« Se todos os membros de meu corpo se convertessem em línguas, e cada uma de suas menores partes fosse capaz de falar com voz humana, mesmo assim nada poderia eu dizer que fosse proporcionado e digno das virtudes da venerável Paula. » Assim começa São Jerônimo a vida desta insigne matrona, precioso fruto do sangue com que fecundaram a Igreja os mártires dos três primeiros séculos, e um dos maiores espíritos que se produziram no quarto. Sua vida, resumida da que escreveu o santo doutor para consolo de Eustóquia, é como segue:

Nasceu Santa Paula em Roma no dia 5 de maio do ano do Senhor de 347, sendo cônsules Eusébio e Rufino. Seus pais foram Rogato e Blesila, esta descendente dos Cipiões e dos Gracos, gente nobre e poderosa, e aquele oriundo de Agamenon, o mesmo que destruiu Troia depois de tê-la sitiado dez anos. Os brasões, as honras e as riquezas desta casa correspondiam à antiguidade e à nobreza de seu sangue, que não só em Roma, mas em toda a Grécia era conhecido e respeitado. Criou-se Paula com suma opulência, regalo e delicadeza; e, embora nem isso nem a apurada estirpe de nobres ascendentes seja coisa que engrandeça a quem a tem por fortuna ou casualidade, contudo, diz São Jerônimo, em quem sabe renunciá-lo e desprezá-lo por Jesus Cristo é coisa grande e digna das maiores aclamações. Chegada à idade competente para o matrimônio, casaram-na seus pais com um jovem nobilíssimo chamado Toxócio, descendente de Eneias e de Júlio César, pelo que chamaram também Júlia a sua filha Eustóquia. Apesar da corrupção de costumes que havia introduzido em Roma a excessiva opulência nascida da conquista de todas as nações do mundo, Paula conservou-se impenetrável ao mau exemplo, e sua honestidade e pureza eram o ímã do casto amor de seu esposo e a matéria das aclamações com que a celebrava aquele imenso povo. Todos os estados são suscetíveis da verdadeira virtude quando se quer dar ouvidos às inspirações da graça; e as próprias riquezas, que costumam ter os pusilânimes no conceito de impedimentos para servir a Deus, são na realidade meios que o próprio Deus proporciona para desafogo dos corações grandes e caritativos. O de Paula achou nelas tudo isso, pois não só serviam para socorrer os necessitados, mas para proporcionar, como verdadeira mãe, a santa educação que devia dar a seus filhos.

Para torná-la gloriosa em sua descendência, e para que não carecesse do dote de fecunda, que brilha entre todos os que fazem uma mulher recomendável, deu-lhe o céu quatro filhas e um filho: Blesila, que ficou viúva aos sete meses de casada e morreu aos vinte anos, cheia de virtudes e merecimentos; Paulina, casada com Pamáquio, a quem deixou em herança seu patrimônio e seu espírito; Eustóquia, virgem santíssima, joia de inestimável valor com que se adorna a Igreja; Rufina, que com uma morte precoce encheu de consternação sua mãe; e, enfim, Toxócio, último fruto de suas entranhas, com o qual aplacou o desejo de um varão que afligia seu marido e pôs fim às lícitas delícias do matrimônio. Mas este se dissolveu, levando Deus a melhor vida seu amado consorte, cuja falta chorou Paula com tão extremo pesar que esteve para morrer de sentimento; e, por outra parte, livre já dos laços e ataduras que de certo modo aprisionavam seu espírito, converteu-se ao Senhor com tal fervor que parecia ter estado desejando a morte dele.

Logo que se viu Paula com toda a sua liberdade, soltou as rédeas à ardente caridade de que sua alma estava penetrada e repartiu aos pobres quase todas as imensas riquezas próprias de uma casa nobre e opulentíssima. Sua compaixão e beneficência não conheciam limites, e o mais desconhecido as experimentava com maior abundância à medida de sua necessidade. Que pobre não se vestiu com sua mortalha para caminhar ao sepulcro? Que enfermo não recebeu o sustento

de sua caritativa mão? Buscava-os com toda a diligência pela cidade, e cria que seu maior dano consistia em que fossem curados e mantidos com dinheiro de outros. Seus parentes a repreendiam porque despojava seus filhos do vultoso patrimônio que devia sustentar sua nobreza; mas a santa, cheia de fé, respondia-lhes que não cria poder deixar a seus filhos maior herança que a divina misericórdia. Essas reconvenções terrenas e as frequentes visitas de outras matronas nobres eram-lhe estorvos fastidiosos para caminhar a Deus com toda a pressa que seu espírito ansiava. A própria altura e esplendor de sua hierarquia causavam-lhe tristeza e amargura, e desejava com vivas ânsias fugir dos louvores que continuamente lhe tributavam ou a gratidão ou a lisonja.

Vieram nessa ocasião a Roma, chamados pelo imperador e por São Dâmaso para compor certas diferenças que perturbavam a Igreja, Santo Epifânio, bispo de Salamina, e Paulino, bispo de Antioquia, varões de muita autoridade e de apurada virtude. Ao primeiro hospedou Santa Paula em sua própria casa, e a Paulino preparou outra a suas expensas, onde estivesse com a maior comodidade e regalo. Nenhuma espora alivia tanto os passos no caminho da piedade como uma santa companhia. As virtudes e a contínua conversação com estes admiráveis varões inflamaram de tal maneira o peito da santa que, sem lembrar-se de seus filhos, de sua família, de seus bens nem de quanto dá de si o mundo, só pensava em deixar tudo e partir sozinha para imitar num ermo a vida solitária dos Antões e dos Paulos. Acabou de confirmar-se nesse propósito com a inevitável partida de Epifânio e Paulino, a quem por então acompanhou em espírito, pois suas circunstâncias não lhe permitiam ainda acompanhá-los de fato.

Entretanto, arranjou as coisas de sua família e de seus bens; e, mandando preparar um navio, aprestou-se para a viagem e o afastamento meditado. Chegou o dia alegre e venturoso para a santa, e triste e desventurado para seus parentes, para seus amigos e para seus filhos; e, vencendo com incrível fortaleza quantos obstáculos lhe opunham o sangue e a humildade, desceu ao porto para deixar para sempre as prendas mais amadas de seu coração. Acompanhavam-na um irmão seu, seus parentes e aparentados e, o que é mais, seguiam-na seus filhos, banhados todos em lágrimas, procurando com seus lamentos e suspiros deter os passos da terna e sensível Paula, a qual, amando mais a Deus que aos seus, entrou no navio que estava preparado. Começaram a inchar-se as velas da embarcação e a afastar-se os remos das pátrias margens, e começaram a soar mais fortemente nos ouvidos de Paula as tristes queixas e o amargo pranto dos que deixava. O menino Toxócio levantava as mãos ao céu, e outras vezes as dirigia aonde estava sua mãe. Rufina, que já era moça casadoura, suplicava-lhe, afogada em lágrimas, que esperasse ao menos até presenciar suas próximas bodas; mas, vencendo o amor de Deus ao da natureza, caminhava insensível com sua filha Eustóquia, olhando com olhos enxutos uma separação que não podiam deixar de chorar nem os mais estranhos. Quantos iam com Paula no navio olhavam com amor as margens de que se iam afastando; só esta heroica mulher tinha coragem para dirigir sua vista para a parte contrária, negando-se a olhar o que não podia ver sem amargura. Ninguém amou tanto a seus filhos, aos quais, antes de partir, deixou quanto tinha, deserdando-se na terra para encontrar melhor patrimônio no céu; mas negou ao seu coração os sentimentos de mãe, ansiosa de que Deus a recebesse por sua serva.

Contente Paula de ver-se já livre dos laços da carne e do sangue, caminhava cheia de gozo, alimentando os desejos de seu coração com a esperança de dar-lhes prontamente o desejado cumprimento. Chegou à ilha Pôncia, lugar do desterro que por Jesus Cristo padeceu Santa Flávia

Domitila; e, ao ver as celinhas estreitas em que essa santa havia sofrido um prolongado martírio, acendia-se mais o desejo de chegar a ver Jerusalém e os Santos Lugares. Em Salamina foi detida dez dias pelo santo bispo Epifânio, não para regalar-se, como o santo pretendia, vendo-a cansada e macilenta dos trabalhos da navegação, mas para visitar com santa piedade e reverência os mosteiros, aos quais repartiu esmolas proporcionadas à sua pobreza. Dali partiu para Selêucia e Antioquia; e, embora São Paulino tentasse detê-la, não foram suficientes nem seus rogos nem o frio da estação para que deixasse de seguir seu caminho sobre um pobre jumento aquela nobre romana que antes era levada sobre os ombros de seus escravos. Chegada à Palestina, começou a respirar seu coração com a vista de tantos lugares testemunhas das divinas maravilhas, e parecia-lhe que ia lendo as divinas Escrituras, segundo via os sítios que lhe traziam à memória os vários acontecimentos que nelas se referem, até que, embebida em tão santas observações, chegou finalmente a Jerusalém, termo desejado de sua longa peregrinação.

O procônsul da Palestina, que sabia a altura de sua linhagem, preparou-lhe habitação no palácio pretoriano, mas a santa preferiu uma casinha pobre e humilde às comodidades e soberbos edifícios, que de antemão havia começado a desprezar. Todos os seus cuidados e esmeros eram visitar e venerar os lugares consagrados com os mistérios de nossa redenção; e isto com tal fervor e devoção tão terna e acesa que só a podia separar dos primeiros a consideração dos muitos que restavam. Adorou a santa cruz prostrada em terra, com tantas lágrimas como se visse com os olhos corporais pendente dela a Jesus Cristo. Tendo entrado no santo sepulcro, beijava a pedra que levantou o anjo e lambia ansiosa o lugar ditoso em que havia jazido morto o corpo do Redentor, saindo continuamente de seu abrasado coração mil dolorosos suspiros que manifestavam sua compaixão e excitavam toda Jerusalém a imitar seus fervorosos exemplos. Subiu ao monte Sião, onde lhe foi mostrada uma coluna, que sustentava o pórtico da igreja, tinta com o sangue do Salvador quando foi atado e açoitado em casa de Pilatos. Viu também o lugar em que desceu o Espírito Santo sobre cento e vinte crentes, segundo o oráculo de Joel, e com mão caritativa distribuiu esmolas aos pobres, que era o ordinário obséquio com que pretendia dar a entender seu amor ao soberano autor de tantos mistérios.

Dali marchou a Belém e, tendo observado à direita do caminho o sepulcro de Raquel, entrou naquele ditoso albergue em que o boi reconheceu seu possuidor e o asno o presépio de seu dono. Jurava em minha presença, diz São Jerônimo, que ali viu com os olhos da fé o Redentor recém-nascido, envolto em panos e reclinado no presépio, chorando; os Magos que o adoravam; a estrela que os conduzia; a Mãe virgem; o solícito José; os Pastores admirados; os Inocentes mortos; Herodes enfurecido; e José e Maria fugindo apressadamente para o Egito para libertar Jesus de seus furores. O gozo e consolação que seu espírito sentia faziam inundar de lágrimas seus olhos e, misturado o consolo com o pranto, clamava: Salve, Belém, casa do pão, em que nasceu aquele Pão divino que desceu do céu! Ditosa eu, miserável pecadora, que fui digna de beijar o presépio em que chorou meu Senhor recém-nascido e de orar na gruta em que a Virgem puríssima pariu seu próprio Deus! Este será o meu descanso, pois é a pátria de meu Senhor; aqui habitarei, já que meu Redentor a escolheu. Apesar destes propósitos, não deixou lugar consagrado com os pés de Jesus que não visitasse com indizível devoção e consolo de sua alma. O monte das Oliveiras, de onde o Salvador glorioso subiu a seu Pai celestial; o sepulcro de Lázaro; a casa de suas irmãs; os sepulcros dos doze patriarcas; Samaria, onde descansavam Eliseu, Abdias e o Batista, e onde tremeu consternada à vista de inauditas maravilhas, pois se ouviam rugir os demônios em virtude dos

tormentos, e os próprios homens uivavam, latiam e assobiavam como lobos, cães e serpentes; enfim, todos os lugares dignos de veneração foram visitados por Santa Paula com incrível fé e proveito de sua alma.

Mas seu coração não se saciava com isso; queria ver os templos vivos em que habitava o espírito do Senhor: as solidões do Egito chamavam seus fervorosos desejos para conhecer por experiência virtudes e austeridades que se faziam incríveis na fama; e assim empreendeu esta viagem, considerando de passagem muitos lugares em que o Deus de Israel havia manifestado suas prodigiosas grandezas a seu povo. O santo e venerável bispo Isidoro saiu-lhe ao encontro, rodeado de uma multidão de santos monges, a cujos pés se prostrava, cheia de devoção e de respeito, admirando e invejando ao mesmo tempo a santidade de sua vida. Percorreu suas celas, admirou sua pobreza, surpreendeu-a sua austeridade e penitência; e com ânimo e fortaleza superior a seu sexo teria ficado naquela solidão com suas donzelas, se o amor superior que tinha aos Santos Lugares não lhe tivesse servido de obstáculo. Por fim teve de deixar aqueles desertos; e, voltando a Belém, determinou ficar ali por toda a sua vida. Com esse fim fez edificar vários mosteiros, vivendo entretanto numa casa pobre; e, lembrando-se de que naquele mesmo lugar não haviam encontrado onde hospedar-se a Virgem Maria e José, mandou construir à beira do caminho vários hospícios onde os peregrinos fossem albergados. Tudo prevê a caridade, e tudo o que prevê executa, sem que as dificuldades possam impedir suas ideias.

Que não seria numa santa que juntava com uma caridade ardentíssima todo aquele cúmulo de virtudes que são necessárias para aclamá-la perfeita! Sua humildade era tão extremada que quem não a tivesse visto antes, ao vê-la pela primeira vez a julgaria uma de suas mais ínfimas criadas: pois realmente o davam a entender assim seu vestido, seu modo de falar e todos os seus costumes, sem que nos copiosos coros de virgens de que andava sempre rodeada se pudesse encontrar alguma que em humildade se equivocasse com Paula. Jamais se sentou à mesa com homem algum, por santo e respeitável que fosse, depois da morte de seu marido; jamais fez uso dos banhos, a não ser em evidente perigo; jamais quis deitar-se em cama macia, mesmo estando com ardentíssima febre, mas sobre a dura terra, que cobria primeiro com cilícios e regava depois com tão copiosas lágrimas que se a julgaria ré de gravíssimos delitos. Admoestava-a São Jerônimo a que não chorasse tanto, para não perder os olhos tão necessários para a leitura dos livros sagrados, e a santa respondia: É justo que seja desfeado o rosto que contra a lei de Deus procurei embelezar com enfeites, e aflito o corpo que gozou de tantas delícias; a riso imoderado é justo que se pague com pranto, os vestidos ricos e delicados com cilícios, e que eu, que procurei agradar a meu marido e ao mundo, procure agora comprazer a Jesus Cristo. A isto se juntava uma castidade angelical, que não só a fez em Roma exemplo de matronas castas quando era secular, mas em nenhum tempo pôde a mais venenosa maledicência encontrar a mais leve mancha em sua honestíssima conduta.

Clemente e mansa, nem desejava a conversação dos poderosos nem desprezava os vaidosos e soberbos. Se via um pobre, sustentava-o; se um rico, exortava-o a dar esmola. Moderada em tudo, só em ser liberal se excedia. Confesso meu erro, diz São Jerônimo, pois, vendo sua profusão em dar esmola, cheguei a repreendê-la, propondo-lhe vários lugares da Escritura em que se nos ensina a moderação e a prudência até no modo e distribuição da esmola; entre eles aquele do Evangelho em que diz o Salvador: Quem tiver duas túnicas dê uma ao que não tem; mas a santa, cheia de

vergonha, própria de sua modéstia e sua humildade, desfazia em poucas palavras todas as minhas reconvenções, protestando diante de Deus que tudo o executava por seu amor e santo nome, e que nada desejava mais nesta vida que morrer tão pobre que tivesse de sustentar-se de esmola, sem deixar a sua filha um centavo, nem ter um lençol em que se pudesse amortalhar e dar sepultura a seu corpo. Se eu não tiver, dizia, pedirei e encontrarei muitos que me socorram; mas se me pede um mendigo e, por não lhe dar eu, que posso socorrê-lo até do alheio, perece de necessidade, a quem fará Deus cargo daquela alma? Por fim viu cumpridos seus desejos, morrendo tão pobre que não deixou à sua filha Eustóquia mais herança que a obrigação de pagar muitas dívidas contraídas por dar esmola. Não porque a fizesse de maneira que pretendesse enriquecer a quem a dava, como acontece a muitos que buscam cevar a vaidade sob o pretexto de virtude; mas porque, ainda que a repartisse com suma prudência, socorrendo somente a necessidade, esta se multiplicava em proporção muito superior às posses que tinha. O ser tão esmoler não julgou que fosse um salvo-conduto para dispensar-se das demais virtudes, e singularmente da mortificação. Há pessoas que dão esmola com abundância, mas ao mesmo tempo conservam seu coração estragado, feito escravo da gula, da luxúria e dos demais vícios que as acompanham, semelhantes aos sepulcros caiados e embranquecidos por fora, mas que dentro não encerram mais que ossos de mortos e podridão. Paula, ao contrário, era esmoler, mas também era humilde, casta, continente, mortificada e tão parca na comida que de jejuar contraiu muitas vezes debilidade e doenças perigosas. Só nos dias de festa usava azeite na comida. E quem nisto guardava tão admirável abstinência, que faria com o leite, mel, ovos, peixes e outras tais iguarias gostosas ao paladar, de que alguns, enchendo o estômago até se fartarem, têm coragem de julgar-se ainda muito abstinentes?

A verdadeira virtude sempre foi perseguida pela inveja, e seus raios ferem com mais força os montes mais altos de perfeição. Viu-se isto em Paula; pois teve tais perseguições que o próprio São Jerônimo chegou a aconselhá-la que seria prudência ceder e voltar as costas ao porfiado inimigo, indo viver em outra terra onde pudesse dedicar-se à virtude em paz tranquila, como haviam feito Jacó e Davi em semelhantes circunstâncias. Mas a santa, cheia de invicta paciência, respondia-lhe: Isso estaria bem se o demônio distinguisse lugares para fazer guerra aos que servem a Deus, se não precedesse ele com sagaz astúcia aos que fogem da peleja e, por último, se em outra parte pudesse eu achar minha amada Belém e os demais santos lugares. Eu tenho por mais acertado vencer com minha paciência o alheio rancor, quebrantar com humildade a soberba e, a quem me ferir numa face, oferecer-lhe a outra, segundo a doutrina de Jesus Cristo; e desta maneira creio que vencerei o mal com o bem, como aconselha São Paulo, e triunfarei de meus inimigos. O Evangelho chama bem-aventurados os que padecem pela justiça: estando seguros em nossa consciência de que os males que padecemos não são castigo dos pecados, estou firmemente persuadida de que as aflições e perseguições deste mundo não são outra coisa que ocasiões de maior prêmio.

A resposta tão cheia de divina sabedoria não tinha o que replicar o santo padre, admirando em Paula os efeitos mais portentosos da graça. Nada a comovia, nada era capaz de perturbar aquela tranquilidade que chegam a adquirir as almas que dominam a si mesmas. Se a injuriavam com palavras descompostas, a santa calava, repetindo em seu coração aquela sentença de Davi: Emudeci e fechei minha boca quando o pecador se apresentou contra mim; e nesse teor estava sempre armada de sentenças da Escritura para rebater sofrendo as adversidades. Aproximou-se dela um homem fofoqueiro e adulador (raça perniciosa ao gênero humano) e, fingindo amor e

desejo de seu bem, disse-lhe que, pelo demasiado fervor com que se havia entregado aos exercícios de piedade, havia-se debilitado sua cabeça de maneira que parecia a todos louca, e que devia com alguns emplastros confortar o cérebro para voltar outra vez a seu juízo e razão. Uma piedade menos sólida que a de Paula poderia ter sofrido alguma quebra com tão diabólica proposta, capaz de intimidar e encher de desconfiança o mais virtuoso; mas a invicta matrona o despachou, dizendo com repousada pausa que, tendo-se tido a Jesus Cristo por samaritano e endemoninhado, não era estranho que a tivessem a ela por louca e por tola; mas que São Paulo havia padecido o mesmo por seu Senhor, e sabia que o mais tolo diante de Deus é mais sábio que todos os homens. Armada com estes e outros infinitos lugares da Escritura, como com um escudo impenetrável, caíam a seus pés embotadas e perdidas quantas setas lhe disparava a encruecida e raivosa inveja, ficando sempre vitoriosa, sem mais auxílio que o da paciência cristã, que conservou toda a sua vida. Tão santas virtudes e tão ardente caridade não podiam caber no estreito âmbito de seu coração; ao menos era preciso que vertessem para fora do peito parte dos efeitos com que tinham preparada aquela alma santa. Conhecia Paula, com uma piedosa astúcia, que semeando carne poderia colher espírito, que dando bens terrenos lhe voltariam outros celestiais, e que por uma coisa passageira e transitória se ganhariam eternas recompensas. Já havia experimentado essas plausíveis usuras num mosteiro de homens que havia fundado e cujo governo havia confiado a eles mesmos. Quis executar o mesmo vendo as muitas donzelas que vinham buscar sua direção, construindo três mosteiros de virgens sagradas, onde nem a nobreza do século era estimada nem desprezada a pobreza: só se distinguia a virtude. Como o exemplo no superior tem mais força que os conselhos, procurava a santa ser a primeira, tanto nos exercícios corporais como nos do espírito. Nenhuma hora, nem sequer a da meia-noite, era incômoda para que deixasse de ir com as demais cantar o saltério, que todas sabiam de memória, com grande inteligência das sagradas Escrituras, sobre as quais diariamente eram ensinadas para recitá-las com fruto. Não permitia às nobres ter em sua companhia criadas de suas casas, nem sequer falar dos regalos e opulência em que se haviam criado; não consentia distinção nos hábitos nem curiosidade afetada, dizendo que o excessivo esmero no vestido é funesto indício da sujeira da alma. A nenhuma era lícito usar linho, a não ser para enxugar as mãos, nem falar com homem algum, nem ter outra coisa que o necessário para o preciso vestido e a moderada comida. Se alguma vinha tarde ao coro, admoestava-a com doçura ou com rigor, segundo o exigia o gênio da que havia delinquido; se brigavam entre si, apaziguava-as com santas e amorosas palavras; se via que alguma se maquiava para parecer mais formosa, dava-lhe a entender seu erro com o semblante carregado e a tristeza que manifestava em sua fronte; e à que se excedia com tanto exagero que alvoroçava, suscitava rixas, provocava as demais e se fazia surda às primeiras admoestações, separava-a das outras e punha-a a comer em lugar distinto, para que fizesse o pudor o que a correção branda não havia conseguido.

Com as enfermas era sumamente caritativa, consolando-as, servindo-as e praticando com elas todos os ofícios de mãe e de serva. Dava-lhes abundantemente quanto tinha e procurava que comessem carne e iguarias para que restaurassem com maior facilidade a saúde perdida; mas não guardava igualdade nessas piedosas máximas, porque quanto tinha para com suas monjas de doçura e de clemência, outro tanto tinha consigo mesma de abstinência e de rigor, sem que houvesse conselho nem autoridade que pudessem dobrar sua constância. Adoeceu de muito perigo; e, tendo saído dele quase milagrosamente, rogavam-lhe os médicos que tomasse um pouco de vinho nas refeições para restaurar mais facilmente as forças e para evitar uma hidropisia

que a ameaçava se continuasse bebendo água. Supliquei eu, diz São Jerônimo, ocultamente ao santo bispo Epifânio que a admoestasse e até a obrigasse a beber o vinho que mandavam os médicos: fê-lo o santo; mas Santa Paula, conhecendo o artifício, disse sorrindo: Isto é coisa de Jerônimo; permanecendo ao mesmo tempo constante em sua determinação. E então? Saindo o santo bispo depois de a ter exortado com grande atividade, perguntou-lhe São Jerônimo o que havia feito, e Santo Epifânio respondeu: É tanto o que consegui que faltou muito pouco para que ela não me persuadisse a mim que não beba vinho, sendo já velho e necessitando-o. Tão austera e rígida era Paula em sua virtude da abstinência que, embora a sagrada Escritura aconselhe que não se tomem cargas superiores às nossas forças, há casos em que o fervor e a acesa caridade desvanecem qualquer receio e são causa de que aprove semelhantes esforços o próprio Espírito Santo que os inspira e que dá forças para executá-los.

Além de que a fé viva e firme no Senhor tudo vence, tudo pode, tudo rende e avassala; não só quanto pode contrastar as forças da carne, mas até as batalhas do espírito, são outras tantas vitórias quando a fé sobrenatural é a que dispõe e reparte as forças. Ainda nessa linha teve Santa Paula uma vitória portentosa, porque, tendo sido tentada por um perverso herege, tão malicioso e pouco sábio como arrogante e atrevido, sobre a ressurreição e sobre a causa por que um menino sem pecado havia de ser possuído do demônio, ouvindo a sã doutrina que lhe deu São Jerônimo, abominou de tal maneira o herege e seus sectários que os chamava publicamente inimigos de Deus. Facilitava-lhe a obtenção dessas vitórias a inteligência e estudo que havia feito das sagradas Escrituras, sendo seu mestre e intérprete o glorioso santo padre da Igreja. Era tal sua tenacidade em aprender e descobrir o espírito que vivifica que, embora a deleitasse a história, sacrificava este gosto ao proveito de conhecer os mistérios escondidos sob a casca da letra. Com esse fim teve coragem e constância para estudar e aprender a língua hebraica, superando mil dificuldades, até chegar a cantar os salmos com tal propriedade e perfeição que não se notava a nativa língua latina a que estava acostumada a pronúncia.

Assim chegou a fazer-se participante, nesta vida, das divinas doçuras, as quais embriagavam sua alma de santo amor até conduzi-la ao ponto de clamar com São Paulo: Desejo ser desatada dos laços da mortalidade e viver com Jesus Cristo. Seus elevados merecimentos não podiam deixar de proporcionar-lhe o fim de seus desejos: caiu, pois, numa perigosa enfermidade, que desde logo se deixou ver com todos os sintomas de funesta, embora Paula não a tivesse por tal, segundo ardia seu coração no amor de seu Deus. Aumentava sua consolação e alegria ver a piedade e solicitude com que sua filha Eustóquia a servia; fiéis sinais de que ficava herdeira de seu espírito, que era o que desejava. Sentia esta santa virgem a morte e separação de sua mãe e quisera que suas diligências e esmero fossem poderosos para deter a alma que já estava partida para a outra vida. Ela lhe administrava os remédios, dava-lhe por sua mão o sustento, fazia-lhe a cama, arranjava-lhe e acomodava-lhe a roupa, sustinha-lhe a cabeça e praticava tantos ofícios que se via bem estar persuadida de que todos eram privativamente seus e que qualquer que lhe tirassem seria roubar-lhe o maior merecimento. Que suspiros os seus, que gemidos, que lágrimas nascidas do coração, pedindo ao Senhor, prostrada diante do santo presépio, ou que lhe deixasse sua mãe, ou que fosse servido de que ambas fossem levadas num mesmo féretro ao sepulcro!

Entretanto, sentindo Santa Paula pela frieza de seus membros que se aproximava sua morte, como se saísse de entre estranhos para caminhar à sua pátria, repetia em voz baixa aqueles versos de

Davi: « Amei, Senhor, a formosura de vossa casa e o lugar onde reside vossa glória: oh, quão amáveis são vossos tabernáculos, Senhor das virtudes! Desfalece minha alma de desejo de entrar em seus átrios; porque amo mais estar no lugar mais ínfimo da casa de meu Deus que habitar nos tabernáculos dos pecadores. » Disse isto e ficou em silêncio, de modo que, embora lhe falassem, não respondia. Aproximou-se então São Jerônimo e, perguntando-lhe por que calava e se lhe doía algo, respondeu em língua grega: Tudo está quieto e tranquilo; não sinto dor nem moléstia alguma. Dito o que, emudeceu e fechou os olhos para sempre; pois, embora se conhecesse que repetia alguns versos dos salmos, como tinha os dedos em forma de cruz sobre a boca, não se lhe podia entender. Estava à sua cabeceira o bispo de Jerusalém e os das outras cidades; São Jerônimo e infinita multidão de sacerdotes e levitas rodeavam o leito, sem que faltassem os coros de puríssimas virgens e santos monges que havia instituído. Em tão santa companhia, cheia de tranquilidade no espírito e de formosa serenidade no semblante, deu sua preciosa alma ao Criador para ser coroada eternamente com a glória devida a seus heroicos merecimentos. Foi seu ditoso trânsito a 26 de janeiro, dia de terça-feira, depois de pôr-se o sol, no ano do Senhor de 404, sendo cônsul pela sexta vez Honório Augusto juntamente com Aristêneto.

Sua morte não foi chorada e lamentada, como costuma acontecer com os do século, mas celebrada como preciosa diante do Senhor, cantando-se muitos salmos em diversas línguas. Foi levado seu venerável cadáver em ombros de bispos à igreja da Gruta do Salvador, ou aonde estava o presépio em que nasceu Jesus, acompanhando uns seu enterro com velas de cera e lâmpadas nas mãos e dirigindo outros os coros dos que iam cantando. Apenas se divulgou sua morte na Palestina, não ficou monge, religiosa nem secular que não se comovesse e não julgasse sacrilégio deixar de oferecer os últimos ofícios de piedade a tão nobre e santa mãe dos pobres. Estes vinham em tropas, chorando sua desdita como se a cada um deles lhe tivesse morrido a mãe verdadeira. Disposição admirável da divina Providência! Aquela mesma que desprezou por Jesus Cristo a pompa mundana, as grandes concorrências, a comitiva de criados, os palácios suntuosos, a mesa regalada, o obséquio do mundo e a grandeza da linhagem e dos cortesãos, essa mesma faz Deus que seja celebrada em sua morte com tal comoção e pompa qual poucas vezes houve no mundo; e isso que morreu tão pobre que não deixou a sua filha Eustóquia outra herança que seu espírito e muitas dívidas a pagar. Três dias esteve seu corpo exposto à veneração da imensa multidão, que, com lágrimas nascidas de uma santa alegria, não se fartava de olhá-lo tão formoso e natural como se a morte não tivesse nele domínio. Eustóquia não sabia apartar-se dele: beijava-o, abraçava-o e fazia tais extremos de amor que se manifestava legítima filha de Paula na piedade com os seus. Por fim, cantando-se salmos em língua latina, grega e siríaca, foi depositado debaixo da igreja, junto à Gruta do Senhor. São Jerônimo adornou seu sepulcro e a porta da abóbada com dois epitáfios em que resumiu a nobreza, as virtudes, os grandes feitos, a preciosa vida e santa morte de uma matrona digna dos louvores do mundo e maior que todos os elogios.

Martirológio Romano (Santa Paula)

Ver acima o Martirológio do dia: o trânsito de Santa Paula figura entre os registros do dia 26.

Missa de Santa Paula (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatam Paulam famulam tuam, spretis mundi delíciis, post insignia virtutum incrementa, ibi voluisti nasci cælo, ubi Unigenitus tuus natus est mundo: concede propitius; ut ejus exemplo terrena cuncta despicientes, cælestia consequi mereamur. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit...*

Português: Ó Deus, que quisestes que vossa bem-aventurada serva Paula, tendo desprezado os deleites do mundo e adquirido grandes aumentos de virtude, nascesse para o céu no lugar onde vosso Filho unigênito nasceu para o mundo, concedei-nos que, desprezando à sua imitação todas as coisas terrenas, mereçamos alcançar as celestiais. Pelo mesmo Jesus Cristo, Senhor nosso...

Epístola (Santa Paula)

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** [10] Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. [11] Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. [12] Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. [13] Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. [14] Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. [15] Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. [16] Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. [17] Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. [18] Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. [19] Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. [20] Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. [21] Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. [22] Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. [23] Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. [24] Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. [25] Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. [26] Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. [27] Consideravit

> semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. [28] Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. [29] Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. [30] Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. [31] Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: [10] Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. [11] O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. [12] Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. [13] Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. [14] Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. [15] E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. [16] Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. [17] Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. [18] Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. [19] Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. [20] Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. [21] Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. [22] Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. [23] Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. [24] Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. [25] A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. [26] Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. [27] Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. [28] Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. [29] Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. [30] A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. [31] Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Reflexões (Santa Paula)

Abriu sua boca para receber a sabedoria. Este é um dos elogios que o Espírito Santo faz de uma mulher virtuosa. Quando se conhecerão suficientemente os estragos que causa a falta de instrução nas mães de família? Delas depende absolutamente a nossa educação nos primeiros anos; e é consumada loucura querer que uma árvore estéril e sem cultivo dê frutos sazonados. A mulher que não teve uma educação cristã não pode dá-la a seus filhos. Pensa-se comumente que toda a educação de uma senhora está reduzida àqueles trabalhos femininos que não passam das mãos, e não se cuida de formar-lhes o coração, como se não fossem racionais. Está ainda muito arraigada no espírito de muita gente aquela perniciosa e cruel máxima de que prejudica gravemente às mulheres aprender a escrever e ler, porque se diz que podem abusar até dessa curtíssima instrução que se lhes permitisse. Suposto esse princípio, é consequente que não possam educar seus filhos e fique reduzida toda a sua obrigação para com eles ao material cuidado de criá-los em seus peitos, como fazem as bestas com os seus; e até dessa natural obrigação se dispensam

infinitas, coisa que não se adverte entre as feras.

Quer-se supor, por outra parte, que a mulher tem um juízo menos sólido que o homem, um talento mais limitado, uma compleição mais débil e um coração mais sensível às funestas impressões do vício. E que são todos esses defeitos femininos senão outras tantas provas da maior necessidade que têm de instruir-se? Já o disse o Sábio e o comprova a experiência: são vãs e falazes as graças da formosura em que os homens apaixonados e brutais fazem consistir todo o mérito de uma mulher; somente a que teme a Deus é digna dos maiores elogios. Na medida em que decaísse a beleza, cresceriam as prendas do espírito numa mulher sábia e virtuosa, e os anos fariam que fosse mais apreciável para seu consorte e para todos. Querer que uma senhora seja prudente, constante, caritativa, fiel, econômica e inimiga de vaidades, e privá-la ao mesmo tempo de todos os auxílios com que os homens chegam a conseguir, depois de muita observação e experiência, algumas dessas virtudes, é querer um impossível. E qual é a causa de um proceder tão estranho? Não é impossível adivinhá-la. Uma mulher ignorante não resiste por longo tempo ao artifício da sedução e à lisonja. Não penetra todo o horror que traz consigo o vício. A honra é uma muralha de barro que cede aos primeiros ataques. Como não tem em que empregar suas potências, distrai-se com dificuldade das impressões que lhe causam as adulações importunas. Persuade-se facilmente de que não tem outro destino no mundo que luzir e agradar a seus adoradores. O exemplo das demais fortifica essa opinião. Não pensa nem fala senão de adornos, modas e outras semelhantes bagatelas. Os ataques são contínuos, as paixões não dormem, a ociosidade e a moleza as avivam, suas ocupações ordinárias não embaraçam o espírito, suas tarefas não molestam uma imaginação viva e desregrada; e em meio a tantos perigos e combates, é de esperar que a mesma fraqueza saia vitoriosa? Que loucura!

Evangelho (Santa Paula)

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba

> doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação (Santa Paula)

Do pouco caso que se faz de instruir-se na religião

Primeiro ponto

Considera que, sendo o estudo da Religião o mais útil e importante para a felicidade do homem, é também o mais esquecido e o que se olha com total indiferença. Não há palavra, ação nem pensamento no cristão que não deva regular-se pelos princípios da Religião. Todas as artes e ciências têm, na verdade, suas prerrogativas que as tornam respectivamente úteis à sociedade e dignas da estima dos homens; mas nem todas são úteis ou necessárias a todos, nem nenhuma delas pode interessar-nos tanto como a ciência da Religião. A excelência de seu objeto, as importantes verdades que nos propõe, os sólidos princípios em que se apoia, e nossa felicidade ou perdição eterna, que depende inteiramente deste conhecimento prático, são as coisas em que deveríamos pensar continuamente e as que merecem ocupar sempre nosso espírito, como as mais próprias de uma alma racional criada para a eternidade.

Mal se aperfeiçoa um homem numa só ciência depois de muitos anos de estudo; mas todos se creem bastante sábios na ciência do cristão por não haver aprendido outra coisa que os primeiros elementos. O catecismo que estudou na infância é tudo o que sabe de sua religião esse célebre letrado que consumiu seus anos sobre os livros, esse profundo político que penetra os mais ocultos mistérios dos gabinetes, esse hábil astrônomo que calcula e mede passo a passo todos os movimentos dos astros. E sabem mais, porventura, muitos dos que se têm por mestres e doutores da lei? Nenhuma outra ciência tem íntima conexão com todas as ações da vida. O médico não obra sempre como médico, nem o físico como físico; mas o cristão deve obrar e portar-se sempre como

cristão. Ninguém confiará uma causa de importância a um advogado que não saiba senão os primeiros e universais elementos da jurisprudência: examina-se sua ciência, sua muita prática, seu crédito nos tribunais e toma-se o parecer de outros clientes a quem tenha defendido em suas causas. Mas, em ponto de religião, cada um se tem por bastante sábio e até faria escrúpulo de querer instruir-se mais a fundo nas matérias de nossa fé. Pensar-se-ia que era duvidar da certeza da religião de Jesus Cristo refletir sobre sua admirável propagação, sobre os milagres que a comprovaram, sobre os meios que nos oferece para nossa salvação e sobre o íntimo laço que têm umas com outras todas as máximas que nos ensina.

Que ideia pode formar da grandeza e bondade de Deus quem jamais refletiu sobre a ordem maravilhosa de sua adorável providência, tanto nas coisas naturais que cada dia temos à vista como nas sobrenaturais e divinas? Que pode pensar de si mesmo e de sua própria impotência para todo o bem aquele que não está bem persuadido das mortais chagas que lhe causou o primeiro pecado, da necessidade de um redentor, de um médico e de um mestre como Jesus Cristo? Conhece-se bem a eficácia dos sacramentos quando tão sacrilegamente se profanam, ou quando se recebem sem outra disposição que uns débeis preparativos de nossa parte? Sabe-se comumente que a dor necessária para a confissão não é obra do homem, que não pode obter-se por todos os esforços humanos e que só há de vir do alto e ser um especial favor da divina graça? Ver-se-iam tantas recaídas na culpa se se soubessem praticamente as condições de uma confissão verdadeira?

O pouco que se sabe da Religião é como por hábito, por costume; e é mais um efeito da educação que uma convicção sólida e fundada de nosso entendimento. Fazemos profissão de cristãos porque nascemos no seio do cristianismo, porque as pessoas com quem conversamos e vivemos desde a infância creem as mesmas coisas. Crê-se quase do mesmo modo que um maometano ou um herege, que não se obstinam em seus erros e delírios senão por uma determinação cega e jamais refletida com que adotaram o ensino de seus pais. E terá algum mérito a fé em quem não reflete sobre ela e aprende seus mistérios do mesmo modo que o idioma de seu país? Não se pretende dizer que todo cristão deva fazer um estudo tão profundo de sua religião como um teólogo, que deve defendê-la dos ataques dos hereges, infiéis e judeus; mas nem por isso deve contentar-se com saber unicamente o que aprendeu na escola. Para as crianças, como diz São Paulo, bastará o leite da doutrina; mas os adultos necessitam de alimentos mais sólidos. Para opor-nos à falsa doutrina dos perversos, que com capa de piedade queiram seduzir-nos e fazer-nos seus prosélitos, manda-nos São Paulo que estejamos dispostos a dar a vida em defesa da verdade de nossa santa religião; e não podemos estar quando mal queremos instruir-nos ligeiramente em seus dogmas. Grande Deus, quanto tenho que temer que me priveis do conhecimento de minha religião pela indiferença com que a olhei até agora!

Segundo ponto

Considera que não se pode amar de verdade o que não se conhece bem. Nenhuma outra coisa pode temer mais a Religião que o não ser suficientemente conhecida. Declama-se muito contra os progressos que faz cada dia a irreligião e o libertinismo. E qual é a causa deles senão a ignorância em que se vive das excelências de nossa religião? É impossível ser ateu e ímpio quem saiba e

medite ao menos a só história do cristianismo. Qualquer mediano talento deve convencer-se absolutamente da divindade do Evangelho, da pureza de suas máximas e de que é uma obra muito superior aos alcances de todos os sábios juntos. Os grandes talentos que sem preconceito o examinaram, ainda sem se haver educado no seio do cristianismo, são uma prova que não deixa o que replicar.

Não há caminho mais fácil para a irreligião e o ateísmo, e até para todo gênero de vícios, que a ignorância da Religião. Examinem-se os progressos que fizeram em muitas nações que antes eram católicas as seitas e heresias de Maomé, de Lutero, Calvino e demais novadores, e ver-se-á que não tiveram apoio mais forte nem mais oportuno para seus desígnios que a credulidade dos povos e sua ignorância nos divinos mistérios. O povo instruído e convencido intimamente e por princípios da verdade de sua crença seria o maior estorvo que pudesse achar a incredulidade, e olharia com horror e com desprezo quem tentasse seduzi-lo. Ainda dentro do próprio cristianismo, mas à sombra da comum ignorância, escreveram-se infinitos livros que corromperam inteiramente a sã moral do Evangelho. Esta é a chaga mais profunda que a Religião tem de sentir e que parece quase incurável. A superstição, o fanatismo, as falsas devoções e certas exterioridades de religião, em que se faz consistir a verdadeira piedade com desprezo dos mais severos e terminantes preceitos do Evangelho, não tiveram outra origem que a superficial ideia que se tem da Religião. Quando não se conhece bem todo o horror e as funestas consequências que traz consigo o vício, enfraquece-se muitíssimo o temor de cometê-lo. Quando se chega a crer que a Religião não nos pede outra coisa que certas práticas exteriores, que em nada se opõem a nosso amor-próprio e não lutam com nossas inclinações, tem-se por justo quem não é mais que um hipócrita.

Fazei, meu Deus, por vossa misericórdia, que eu não perca jamais de vista umas verdades que vos dignastes manifestar-me e das quais depende unicamente minha eterna felicidade. Imprimi em meu coração um amor santo a vossa lei, para que seja em todas as minhas operações o norte seguro que me guie sempre a amar-vos e conhecer-vos como devo.

Jaculatórias (Santa Paula)

> *In justificationibus tuis meditabor; non obliviscar sermones tuos.* Sl 118.

Meditarei sempre vossos mandamentos e não os esquecerei jamais.

> *Da mihi intellectum, et scrutabor legem tuam: et custodiam illam in toto corde meo.*

Dai-me, Senhor, o dom do entendimento para conhecer vossa santa lei, e a observarei de todo o coração.

Propósitos (Santa Paula)

1. Impõe-te desde hoje a obrigação de ler cada dia algum capítulo do Evangelho ou das santas Escrituras. Este é o livro que Deus ditou para os homens: nenhum outro, por bom que seja, deixa de ser obra do homem. Não podes pensar que Deus se tenha enganado nem querido enganar-te no que te diz, como poderias presumi-lo de qualquer homem. Neste livro acharás o remédio seguro para todas as tuas doenças em qualquer situação em que te encontres. Não te aflijas porque não possas entender por ti mesmo muitas coisas; estas certamente não são necessárias para tua salvação. A santa Escritura é para os doutos e para os ignorantes; mas deves lê-la com espírito de humildade e como se estivesses ouvindo o próprio Deus que se dignasse ensinar-te. Por grandes e urgentes que sejam tuas ocupações, sempre podes achar tempo para esta leitura e meditação. Não terás tu tantos negócios como Davi, e dia e noite ruminava ele e meditava a lei de Deus. Santa Paula, embora senhora tão ilustre, aprendeu as línguas em que estavam escritos os santos livros para entendê-los melhor e cantar ao Senhor seus louvores. Talvez consumas horas muito preciosas lendo outros livros inúteis ou talvez prejudiciais.

2. Tem grande cuidado de instruir tua família nos princípios da Religião. Não porque teus filhos vão à escola pública aprender o catecismo deixas de ter estreita obrigação de instruí-los tu mesmo e explicar-lhes com mais extensão, segundo teus alcances, a história da criação do mundo, os danos que nos causou a primeira culpa, a necessidade que tivemos do Redentor, quem foi este, que bens nos trouxe com sua vinda ao mundo, o que nos tem prometido e o que nos manda fazer para consegui-lo. Examina o muito tempo que empregas em conversação inútil e acharás que deves substituí-la por outra muito mais útil e necessária, cujos frutos te serão incríveis quando começares a colhê-los. Verás mais amor e obediência em teus filhos, mais fidelidade e respeito em teus criados, mais submissão e modéstia em tua consorte e uma paz inalterável em toda a tua família. Será tua casa uma pequena república de verdadeiros cristãos, onde não se conheça nem o nome de avareza, de discórdia, de ciúmes, de fofocas, invejas nem murmurações. A ninguém verás ocioso, todos procurarão dar-te gosto, e o desempenho de suas obrigações respectivas tornará o das tuas muito mais doce e agradável.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:13 by Admin